

Onde está Wally, quer dizer, Dilma Rousseff?

Dilma pode ser uma “carta fora do baralho”. Mas o jogo ainda tem lances emocionantes pela frente

EUGÊNIO BUCCI

16/06/2016 - 08h00 - Atualizado 25/10/2016 20h44

Compartilhar

Assine já!

O que Dilma anda fazendo? Como começa o dia? Segue alguma rotina? O que lê? Com quem conversa? Mudou de opinião sobre alguma coisa? O que anda dizendo por aí?

As notícias existem, mas são poucas. O que ganhou destaque estes dias foi que o interino do Palácio do Planalto cortou-lhe as asas dos aviões da FAB. Agora, se ela quiser ir para outro lugar que não seja Porto Alegre, onde tem domicílio, terá de recorrer a asas comerciais. Incidente pitoresco. Para justificar a asfixia aeroviária, a Casa Civil alegou que a presidente não tem mais compromissos oficiais. Estando afastada, e não exercendo a Presidência, não tem nada de oficial a fazer fora de seus endereços devidamente oficiais (o Palácio da Alvorada e Porto Alegre).

Mais que pitoresco, o ato é um tanto perturbador. O que são compromissos oficiais para a Casa Civil? Tentemos entender. Dilma ainda é presidente do Brasil. Oficialmente. Está afastada de suas funções administrativas, é verdade, mas continua investida de seu mandato oficial. No Senado, está sendo oficialmente processada. Deve apresentar oficialmente sua defesa aos senadores, que são oficialmente encarregados de julgá-la porque representam oficialmente os Estados da Federação. Pelas regras do julgamento, Dilma tem o direito oficial de se defender perante os senadores e também perante os eleitores, que elegem os senadores. Nada mais óbvio. Se ela quiser expor suas razões a eleitores de Natal, de Orlândia ou de Niterói, tem o direito de fazê-lo. Oficialmente.

Acontece que, para se deslocar, a presidente não deve nem pode pôr em risco sua segurança pessoal, que é questão de Estado. É por isso que ela mora onde mora, tem os confortos que tem e conta com serviços de segurança pessoal. Logo, restringir oficialmente suas condições de locomoção é restringir oficialmente seu direito de ir e vir e seu direito de se defender. Ou não?

Também isso tem sido pouco discutido, infelizmente. Qual a natureza oficial da agenda da presidente? Em que consistem seus direitos e suas atribuições? Por que não falamos mais sobre isso? É como se Dilma, agora, tivesse o dever constitucional de sumir de cena. É como se, afastada, tivesse de virar assunto de interesse menor.

O que mais causa sensação são mesmo as novidades pitorescas. Soube-se que o cartão de crédito com que se pagava o abastecimento da cozinha do Alvorada passou por um certo contingenciamento tópico. Dessa vez, cortes alimentares. O ex-presidente Lula, apegado como é a esse negócio de comida, reagiu com irritação demagógica e disse que Temer “cortou até o almoço de Dilma”.

Mas haveria muito mais para saber – e perguntar. A quantas anda a cabeça da presidente? Ela tem novas provas em sua defesa? O que ela pretende fazer se perder o mandato? Ou, o que importa muito mais, o que ela quer fazer se voltar a governar?

Vale registrar que as chances de que ela reverta o jogo no Senado Federal não são tão nulas assim. O governo Temer ainda não se firmou. Seus ministros vão caindo, à taxa de um por semana. Já há mais três que subiram no telhado. A Lava Jato gera dissabores para a cúpula do PMDB, que tem sede de (mandar na) Justiça, e birras na base do PMDB, que tem fome de cargos de terceiro escalão. O apoio parlamentar periclita à medida que o presidente interino recalitra. Na cúpula, um grã-cacique ficou furioso com o vazamento de que Rodrigo Janot pediu ao Supremo uma tornozeleira eletrônica para confiná-lo em casa. Na base, o baixo clero se impacienta, quer diretorias de estatais. O nível de descontentamento sobe e, com isso, a probabilidade de que dois ou três senadores resolvam partir para o tudo ou nada – não exatamente para beneficiar Dilma, mas para tirar Michel Temer do poder – sobe também.

O que Dilma acha dessas histórias? O que os senadores ainda indecisos têm conversado com ela? Em que condições poderiam apoiá-la? Por quê? E os que apoiam Temer? Continuarão onde estão se a Lava Jato começar a triturar seus tentáculos?

Essas perguntas estão na cabeça de muitos dos brasileiros, mas onde estão as respostas? Dilma pode ser, já, uma “carta fora do baralho”, como ela mesma dizia. Mas o jogo ainda não foi jogado. Há lances emocionantes pela frente e, para acompanhá-los, a melhor receita é a informação de qualidade. É por isso que, quanto mais a imprensa ficar em cima da presidente ainda titular do próprio mandato, mais será útil aos brasileiros. Onde está Dilma Rousseff? Eis a pergunta crucial da temporada.